

## REFLEXÕES SOBRE SONHOS NA VIDA: RELATOS EM UM GRUPO DE OUVIDORES DE VOZES

**ISADORA OLIVEIRA NEUTZLING<sup>1</sup>; ROBERTA ANTUNES MACHADO<sup>2</sup>; MAURÍLIO DA LUZ RODRIGUES FERNANDES<sup>3</sup>; JOÃO LUIS CORREA GONÇALVES<sup>4</sup>; PEDRO THEODORO NUNES VASCONCELOS<sup>5</sup>; LIAMARA DENISE UBESSI<sup>6</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – isalindan99@gmail.com*

<sup>2</sup>*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul/ Universidade Federal de Pelotas – roberta.machado@riogrande.ifrs.edu.br*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – maurilio\_08@hotmail.com*

<sup>4</sup>*Associação de Usuários (as) dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas – aussmpe@hotmail.com*

<sup>5</sup>*Grupo de Ouvidores (as) de Vozes ‘Voz as nossas Vozes’ – aussmpe@hotmail.com*

<sup>6</sup>*Universidade Federal de Pelotas – liaubessi@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

O Movimento de Ouvidores de Vozes nasceu na Holanda no final da década de 80, com uma ouvidora e vozes e um psiquiatra, Patsy Hage e Marius Romme, respectivamente. Esse movimento entende a experiência da audição de vozes que os outros não ouvem como uma variação humana em detrimento da narrativa que se pretende hegemônica na psiquiatria e que considera essa experiência como sintoma de doença mental (CARDANO, 2018).

No Brasil esse movimento é recente e ainda pouco discutido nas instituições de formação profissional e nos serviços de saúde. Porém o debate dessa nova abordagem tem sido discutido na agenda da sociedade de vários modos, seja por meio de eventos sobre o tema, da disseminação de bibliografias sobre essa nova perspectiva em saúde mental, relatos de experiências, verbais, escritas, artísticas, pela realização de grupos em serviços de saúde, universidades e na comunidade na defesa de outra narrativa sobre a experiência da audição de vozes.

No que se refere aos grupos, comprehende-se que são formas de apostar “na capacidade de produzir uma melhor convivência com as vozes, a partir do compartilhamento de vivências, informações e estratégias de enfrentamento (KANTORSKI et al, 2017, p.1145).”

O município de Pelotas conta com dois grupos de Ouvidores (as) de Vozes. Um em um serviço de Atenção Psicossocial e outro na comunidade. O segundo é efeito de uma articulação entre a Faculdade de Enfermagem e movimentos sociais, dentre estes o da Luta Antimanicomial e da educação popular em saúde. Esse grupo denomina-se ‘Voz as nossas Vozes’. Do mesmo, participam pessoas que tem e não tem em sua vida a experiência de audição de vozes que os outros não ouvem.

Dentre estas pessoas, estudantes da graduação e pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, integrantes da Associação de Usuários (as) dos Serviços de Saúde Mental de Pelotas - AUSSMPE, da Coletiva de Mulheres Ouvidoras de Vozes – CMOV e de serviços de atenção psicossocial do município. É um grupo aberto, que funciona sob o mote da mútua ajuda e da auto e cogestão.

Deste modo, o objetivo do presente trabalho é relatar a experiência de reflexão sobre os sonhos na vida das pessoas autoras no grupo Voz as nossas Vozes.

## 2. METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência de participantes no grupo de ouvidores de vozes ‘Vos as nossas Vozes’. O relato de experiência é uma das formas científicas de interpretar, pensar, refletir e mostrar a realidade, que envolve concepções sociais, políticas e históricas (DEMO, 2011).

Os encontros do grupo acontecem nas quintas-feiras pela tarde, tendo como ponto de encontro a sala 401 do Prédio dos Conselhos de Pelotas. O presente relato refere-se à atividade que foi desenvolvida no dia 22 de agosto de 2019 neste espaço, em que se tematizou sobre os sonhos individuais e coletivos na relação com a audição de vozes. Importa registrar que o Grupo ocorre também noutros locais da cidade e região, no diálogo com serviços, escolas formadoras, na rua, entre outros espaços da comunidade

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nós, as autoras e os autores participantes, relatamos nossa relação com os sonhos na vida e a experiência da audição das vozes. Sonhos considerados como horizontes a serem perseguidos, vizinhos da utopia. Sonhos como propósitos de vida. Sonhos como a realidade vivida. Sonhos como os desejados e já alcançados e o não desejado e efetivado.

O grupo de Ouvidores (as) de Vozes, funciona com rodízio na coordenação das atividades. Em 22 de agosto, a pessoa coordenadora propôs uma reflexão sobre nossos sonhos na relação com as vozes. Emergiram dessa proposta os sonhos de cada pessoa no viver e indagações sobre se temos sonhos, que sonhos, e o que é o sonhar. Deste modo, partilham-se as nossas narrativas expressas no Grupo ‘Voz as nossas Vozes’.

Dos sonhos: ‘conhecer a casa da Frida, pois a primeira voz tinha esse nome, na pronúncia infantil de ‘Fida’, ‘de que o sonho é causar alguma coisa nas pessoas’, ‘se formar na graduação em Enfermagem’, ‘conhecer a Arena do Grêmio, viajar de avião, e casar’, ‘construir uma família’, ‘entrar em uma universidade’, de que percebe os sonhos como ‘o que não está aqui, mas pode estar; que é algo a se buscar, que pode estar perto ou longe, ser pequeno ou grande’, de que sonha com ‘uma sociedade mais humana’, ‘sempre ter amigos (as)’, ‘que a família viva em paz’, ‘que se derrube o discurso da psiquiatria sobre a loucura’, de ‘saúde, educação e direitos essenciais para todas as pessoas’, ‘de um amor que não sabe se sentiu’, ‘mais e profunda conexão com o universo e para isso vê como mediadora o uso da Ayahuasca’ e por fim, que as vozes impulsionam o caminhar, pois se conseguiu vencer e se vence ás vozes de comando, ás que são assustadoras, entende-se que é possível e é um dever seguir na luta de mudar o mundo.

Com este trabalho, percebemos que muitos (as) de nós participantes partilhamos sonhos em comum. Ao mesmo tempo, que o sonho é singular, mas também pode ser coletivo. Que o sonho modifica como muda a vida. Que o sonho pode ser o que falta, e que se relaciona também com necessidades para o bem viver, entre o mais util e aparentemente tênue, impalpável ao mais denso e que pode figurar como impossibilidade.

A reflexão sobre os sonhos na vida, por mais trivial que se possa parecer é um exercício que pode ser feito e o quão as vozes interferem nos mesmos, seja como impulsionador, seja como até inviabilizador, mas no compartilhamento dessas

reflexões, os sonhos são expressão de superação e motivação para seguir engajado na vida, nas dimensões do tempo presente, no vislumbre do futuro e, se for o caso, na ressignificação do passado, como o que se relaciona-se ao que a pessoa se move na vida, seja ao viver o sonho no presente, a vida como um sonho em realização, seja mirar no horizonte dias melhores para se viver e ao mesmo tempo, se sentir participando desta caminhada em construção.

Na avaliação de encerramento da atividade se relatou sobre o que a temática em questão provocou, e se compartilhou que muitos (as) de nós pouco se ocupamos de pensar sobre essa temática de sonhos e audição de vozes na vida, que nesse trabalho fomentou relações, elos de ligações entre as pessoas e que o grupo foi um ‘sonho’, um momento de pensar sobre a vida. O grupo é um sonho em acontecimento, em que se sonha junto.

#### 4. CONCLUSÕES

O estudo mostrou que as pessoas que tem na sua vida a experiência da audição de vozes não se reduzem a essa experiência e que esta tanto pode influenciar como ser influenciada pelo contexto que se vive, quanto pelos sonhos que se tem na vida conforme cada tempo vivido. Também que não interessa a magnitude do sonho, mas que não há uma verdade sobre o que sejam sonhos, e sim importam, os seus sentidos dos mesmos na singularidade de cada pessoa.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDANO, M. O movimento internacional de ouvidores de vozes: as origens de uma tenaz prática de resistência. **Journal Nursing and Health.** v.8, n. não especificado, p. 1-12, 2018.

DEMO, P. **Pesquisa:** Princípio científico e educativo (14<sup>a</sup> ed.). São Paulo: Cortez, 2011.

KANTORSKI, L. P. *et al.* Grupos de ouvidores de vozes: estratégias e enfrentamentos. **Saúde em debate**, Rio de Janeiro , v. 41, n. 115, p. 1143-1155, 2017.